

particular com perspectivas globais, Marcos conseguiu realizar um movimento eletrônico global de grande impacto.

A partir de 1999, com os protestos anti-globalização em Seattle, Washington e Praga, surge o “Independent Media Center” aproveitando o potencial da Internet para expressar livremente as vozes represadas pela cultura editorial de massa. A década de 90 entra na era do ciberativismo com o movimento Zapatista em 1994, e com as ONGs (Greenpeace, PeaceNet, Anistia Internacional e outras) e centros Indymedia em 1999. O século XXI vê surgir formas ampliadas de ativismo eletrônico.

O ciberativismo busca mobilizar, informar e agir, tendo como suporte essencial de luta as novas tecnologias do ciberespaço. Diversos grupos organizados usam portais para veicular informações relevantes às suas causas, mobilizam pessoas para uma ação em um determinado espaço público e agem de forma eletrônica em diversos protestos ao redor do mundo. Vemos aqui como o espaço eletrônico é utilizado de forma complementar ao espaço de lugar, complexificando-o. O ciberativismo caracteriza-se assim por redes de cidadãos que criam arenas, até então monopolizadas pelo Estado e por corporações, para expressar suas idéias e valores, para agir sobre o espaço concreto das cidades ou para desestabilizar instituições virtuais através de ataques pelo ciberespaço (*hacktivismo*).

O ciberativismo refere-se a práticas sociais associativas de utilização da Internet por movimentos politicamente motivados, com o intuito de alcançar suas novas e tradicionais metas. Grupos como o Electronic Disturbance Theatre ou o Critical Art Ensemble, por exemplo, fazem protestos pela rede (ataques DoS, desfigurações, etc) contra a globalização, contra os transgênicos, etc. O principal objetivo, como de todo ciberativismo, é difundir informações e reivindicações sem mediação, e organizar ações independentes e livres.

Podemos pensar em três grandes categorias de ciberativismo: 1. conscientização e informação, como as campanhas promovidas pela Anistia Internacional, Greenpeace ou a Rede Telemática de Direitos Humanos; 2. organização e mobilização, a partir da Internet, para uma determinada ação (convite para ações concretas nas cidades) e; 3. iniciativas mais conhecidas por “hacktivismo”, ações na rede, envolvendo diversos tipos de atos eletrônicos como o envio em massa de *emails*, criação de listas de apoio e abaixo-assinados, até desfiguramentos (*defacing*) e bloqueios do tipo DoS (*Denial of Service*).

Como diz o manifesto Distúrbio Eletrônico do grupo Critical Art Ensemble, “A nova geografia é uma geografia virtual, e o núcleo da resistência política e cultural deve se afirmar neste espaço eletrônico”.

hay que clicar, pero sin perder la ternura jamas.

## CIBERATIVISMO

André Lemos

Na última coluna falávamos da cidade ciborgue como uma metáfora da nova condição urbana, advinda da relação entre as redes telemáticas e as demais redes de infraestrutura que dão forma e sentido às cidades. Dizíamos que a forma do exercício da atividade política da cidade ciborgue é múltipla e deve tirar proveito das novas ferramentas do ciberespaço. A nova geopolítica mundial é também uma geopolítica virtual. O ciberespaço já é palco de diversas ações coletivas que buscam problematizar a geopolítica global e eletrônica.

Na semana passada, a BBC lançou um portal com o sugestivo nome de “iCan” (“eu posso”) com o objetivo de incentivar pessoas a participarem da vida pública da sua localidade expressando problemas, discutindo questões relativas à cidadania e propondo soluções para os seus problemas mais frequentes. O objetivo é utilizar as novas tecnologias de comunicação e informação como instrumentos para chamar a atenção das autoridades sobre os diversos conflitos locais e mesmo globais.

A emergência de vozes legítimas e livres de constrangimentos editoriais tem incentivado o surgimento de portais ao redor do mundo, como Tribe.net, MoveOn.Org e MeetUp.com, por exemplo. O “iCan” é uma ferramenta de uma gigante do *broadcasting* visando dotar localidades de um instrumento de reforço à cidadania. Críticas já surgiram, levantando suspeitas sobre a imparcialidade da BBC, e até mesmo uma sátira, o site “iCan’t”, ridicularizou a iniciativa.

Alguns discursos acadêmicos, políticos ou artísticos acreditam que as formas de comunicação eletrônica da cibercultura possam efetivamente favorecer a ação social engajada, os movimentos sociais legítimos e romper com a apatia e o narcisismo contemporâneos. A Internet não serve hoje apenas como forma de expressão do “mundo da vida”. Diversas ações ao redor do mundo mostram que formas de expressão política engajada (a partir de problemas globais e locais) surgem, são suportadas e expandem-se na internet. Estamos falando de diversas expressões do que se chama hoje de ciberativismo.

Um dos principais objetivos deste ativismo eletrônico é combater o desinteresse pela **coisa pública** e criar canais de participação autênticos. Através de sites, blogs e/ou portais mobilizadores, pessoas, não necessariamente de um determinado espaço comum, podem organizar movimentos, difundir opinião e informação, agregar pessoas, promover ações físicas e eletrônicas, expressar seus descontentamentos em relação aos problemas cotidianos. Trata-se de utilizar as diversas ferramentas da Internet (*fóruns, chats, websites, email*) para difundir informação, reunir pessoas, propor idéias e ações. Essa é a esperança, mas uma esperança alicerçada em experiências concretas e em um fenômeno social planetário.

As tecnologias da cibercultura têm sido usadas como instrumento de comunicação para constituição e manutenção de redes de movimentos sociais. Estas são hoje articuladoras de ações políticas locais, quase sempre com apelos globais. Nesse sentido, o primeiro herói ciberativista da cibercultura é o sub-comandante Marcos que articulou mundialmente o movimento Zapatista através da Internet para angariar apoio à luta do povo da região de Chiapas no México em 1994. Mesclando discurso